



Bolsas		Pontuação B3		Dólar		Salário mínimo		Euro		CDI		CDB		Inflação	
Na quarta-feira		Ibovespa nos últimos dias		Na quarta-feira		Últimos		Comercial, venda na quarta-feira		Ao ano		Prefixado 30 dias (ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
0,72%	São Paulo	127.682	128.316	R\$ 5,865	(- 0,42%)	10/abril	5,898	R\$ 1.518	R\$ 6,678	14,15%	14,34%	Novembro/2024	0,39	Dezembro/2024	0,52
0,73%	Nova York	11/4	14/4			11/abril	5,870					Janeiro/2025	0,16	Fevereiro/2025	1,31
						14/abril	5,851					Março/2025	0,56		
						15/abril	5,890								

GUERRA TARIFÁRIA

Receio de recessão domina mercados

Avaliações pessimistas de Jerome Powell, presidente do Federal Reserve (Fed), sobre a economia dos EUA provocaram as reações

» RAPHAEL PATI

Riscos de recessão e desaceleração econômica nos Estados Unidos fizeram com que o dólar voltasse a registrar queda ante o real no pregão de ontem. Ao final do dia, a moeda norte-americana recuou 0,44%, cotado a R\$ 5,86. O movimento ocorreu na maioria das principais economias do mundo. O Índice DXY, que mede a força da divisa dos EUA ante outras concorrentes, fechou a sessão em baixa de 0,87%, abaixo dos 100 pontos.

A queda da moeda norte-americana no cenário internacional foi impulsionada pelo temor entre investidores de um possível avanço da inflação no país. Durante a tarde, o presidente do Federal Reserve (Fed) — o Banco Central dos EUA —, Jerome Powell, disse que houve uma desaceleração no crescimento econômico do país já no início do ano, em relação ao mesmo período em 2024.

Além disso, o chairman prega cautela ao tratar sobre os impactos que as tarifas devem ter no mercado norte-americano como um todo, mas acredita que os efeitos podem vir pior que o esperado, dada a insistência do presidente dos EUA, Donald Trump, em manter taxas de importação elevadas a parceiros comerciais no mundo todo, além da China. “A medida que soubermos mais, continuaremos a atualizar nossa avaliação”, considerou.

Na avaliação do especialista em investimentos da Nomad, Bruno Shahihi, o mercado de câmbio passou por ajustes nesta sessão, em resposta à desvalorização global do dólar. Para o analista, as incertezas seguem predominantes, especialmente devido à escalada das tensões comerciais entre Estados Unidos e China.

“Há receios de que o presidente Trump utilize as novas rodadas de negociações comerciais como estratégia para tentar isolar a economia chinesa dos mercados internacionais, fator que explica tanto a queda dos principais índices americanos no pregão de hoje quanto o enfraquecimento

do dólar”, destaca.

Na avaliação de Volnei Eyng, CEO da gestora Multiplike, o dólar tende a se fortalecer no curto prazo, mas esse fortalecimento pode ser passageiro caso a questão tarifária dos EUA comece a afetar o crescimento econômico do país. “Essa guerra tarifária já virou um ‘flaflu’, e chega um momento que já não faz mais sentido comercial aumentar, porque o produto já se tornou tão caro que ele já não iria vendê-los, seja uma taxa de 145% ou 245%”, destaca.

Confusão

Ainda ontem, a Casa Branca gerou uma confusão no mercado financeiro ao anunciar que as tarifas de importação para produtos chineses chegam a 245%. Depois, teve que explicar que essas taxas são direcionadas a itens específicos listados na Seção 301 da Lei de Comércio dos EUA, que trata sobre práticas “desleais” e “injustas” para o mercado norte-americano. Elas podem variar de 7,5% a 100%, o que somadas às tarifas recíprocas de 125% ao país asiático e de 20% aplicadas anteriormente, chega-se a 245%.

Com o sentimento de incerteza persistente no mercado acionário, os principais índices de Nova York fecharam o pregão em quedas consistentes. O Dow Jones recuou 1,73%, enquanto S&P 500 e Nasdaq encerraram a sessão com baixas de 2,24% e 3,07%, respectivamente.

No Brasil, o ambiente internacional somou-se à preocupação com o equilíbrio fiscal, após a publicação do Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) para 2026, que foi recebido com ceticismo por analistas. Diante disso, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa B3) encerrou o dia em queda de 0,72%, aos 128.316 pontos, na esteira dos mercados internacionais. As ações da Vale também tiveram um impacto relevante no principal índice da B3, após o resultado da mineradora no primeiro trimestre do ano ter indicado uma queda na produção. Com isso, os papéis da empresa tiveram baixa de 2,32% ao final do pregão.

Federal Reserve



Declaração de Powell — de que os efeitos do tarifaço podem vir piores do que o esperado — provocou queda nas bolsas e alta do dólar

OMC prevê queda no comércio global

» RAFAELA GONÇALVES

A suspensão temporária nas tarifas recíprocas dos Estados Unidos deve mitigar a contração do comércio global. No entanto, o cenário ainda é de “fortes riscos”. É o que apontou o relatório mais recente da Organização Mundial do Comércio (OMC), divulgado ontem.

No cenário atual de “tarifas mais baixas”, o comércio global deve se contrair 0,2% em 2025, antes de se recuperar e avançar 2,5% em 2026, segundo as projeções da organização. Contudo, se houver uma deterioração na situação tarifária, a retração pode ser maior, de 1,5% neste ano. O relatório apontou que, caso esse cenário se confirme, haverá uma reversão do crescimento do comércio global no ano passado, de 2,9%. Em nota, a diretora-geral da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, disse estar

“profundamente preocupada com a incerteza em torno da política comercial, incluindo o impasse entre EUA e China”.

“A incerteza persistente ameaça atuar como um freio ao crescimento global, com graves consequências negativas para o mundo, especialmente para as economias mais vulneráveis”, alertou.

Américas

A organização cortou suas projeções para o avanço do Produto Interno Bruto (PIB) global em 2025, de 2,8% no relatório anterior para 2,2% em abril, e em 2026, de 2,6% para 2,4%. A expectativa é de um declínio, principalmente, nas exportações e nas importações da América do Norte. A região também sofreu o maior corte nas projeções da OMC de crescimento do PIB, que passou de 2% a 0,4% para 2025 e de 1,7% a 1,1% para 2026.

Com a imposição de tarifas pela economia norte-americana, a organização projeta que outras regiões devem mostrar crescimento modesto de exportações e importações em 2025. Para a Ásia, a expectativa é de um crescimento de 1,6% para ambos. Já para a Europa, é esperada uma alta de 1% em exportações e 1,9% em importações.

Na América do Sul, por sua vez, o crescimento das exportações deve ser de 0,6% e de importações de 5%. “O Brasil, por ter sido menos penalizado nas tarifas de Trump em relação a outros parceiros, pode até atrair algum fluxo comercial alternativo. Mas a disparada do dólar, somada à incerteza externa, impõe desafios internos relevantes”, avaliou Sidney Lima, Analista CNPI da Ouro Preto Investimentos.

As previsões para o PIB da Ásia são de alta de 3,7% em 2025 e 3,8% em 2026. No caso da

Europa, o avanço previsto é de 1,2% em 2025 e 1,4% em 2026. Na América do Sul, o PIB deve subir 2,7% em 2025 e 2,4% em 2026. Todos os números foram revisados levemente para baixo, em relação ao relatório anterior.

Ainda que o Brasil esteja, por ora, submetido à alíquota mínima, a mudança representa um aumento frente ao que vinha sendo praticado e tende a afetar cadeias produtivas mais integradas ao mercado norte-americano, explica o economista do Movimento Brasil Competitivo (MBC), Rodolpho Guedon Tobler.

“Apesar da sinalização de tréguas para alguns países, o ambiente permanece instável. A medida pode reduzir a demanda dos EUA por produtos importados, especialmente daqueles que operam com margens mais apertadas ou que possuem forte concentração no mercado americano”, afirmou.

MINHA CASA, MINHA VIDA

Criação de nova faixa tira o foco da população de baixa renda

A ampliação do programa Minha Casa, Minha Vida para a faixa de renda mensal entre R\$ 8 mil e R\$ 12 mil, deve beneficiar cerca de 120 mil famílias. Apesar de abaixar os juros para a compra do imóvel pela classe média, especialistas avaliam que a medida dilui o foco social do programa e não resolve déficit habitacional estrutural.

A criação da Faixa 4 foi aprovada pelo Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que também reajustou as faixas já existentes do

programa. O teto do valor do imóvel que poderá ser financiado na Faixa 4 será de R\$ 500 mil.

Segundo o economista Otto Nogami, professor do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), a ampliação da faixa de renda altera substancialmente o perfil do programa, antes mais focado nas camadas de muito baixa renda. “Dilui o foco social, pois parte dos subsídios e incentivos agora alcançam famílias que, em tese, teriam mais acesso ao mercado formal de crédito, e cria um efeito de aquecimento do mercado

imobiliário, beneficiando empresas e cadeias produtivas ligadas ao setor, mas com risco de desvio de finalidade, caso a política se afaste do objetivo de atender o déficit habitacional real”, avaliou.

O déficit habitacional brasileiro está estimado em 5,8 milhões de moradias, conforme dados da Fundação João Pinheiro, de 2023. O indicador diz respeito à falta de moradias adequadas para a população, ou seja, a quantidade de famílias que não têm acesso a habitações dignas.

Para Nogami, a ampliação do programa pode aumentar a produção habitacional, “mas não necessariamente reduz o déficit estrutural, pois as novas faixas atendem famílias fora do núcleo mais vulnerável. “Só haverá redução do

deficit se a política priorizar qualidade, localização e atendimento às faixas mais carentes”, avaliou.

O programa será incrementado com R\$ 15 bilhões oriundos do Fundo Social do Pré-Sal, além de outros R\$ 15 bi do FGTS, da caderneta de poupança e das Letras de Crédito Imobiliário (LCI).

Para Ana Maria Castelo, coordenadora de Projetos de Construção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV-Ibre), a ampliação deve mitigar o efeito da contração e do encarecimento do crédito para essa faixa de renda. “Não será a panaceia que vai resolver a questão, pois o cenário é realmente desafiador e o montante, apesar de não ser desprezível, não dará conta de toda a necessidade”, apontou. (RG)

Ed Alves/CB/DA.Press



Para especialistas, medida não resolve o déficit habitacional